

3ª PARTE

---

# PROSA DE FICÇÃO

# Caminhos...

*Mário Miranda Filho<sup>7</sup>*

Meu pai possuía um amigo, homem simples correto e muito simpático, proprietário de um sítio na parte norte do município, a resvalar para o talhado da serra, de onde se descortinava magnífica paisagem do sertão lá embaixo, tendo eu certa vez avistado grossas nuvens abaixo de nós e ficado de certa forma maravilhado, acreditando que o Céu baixara à Terra e todos seriam felizes. Muitas vezes meu pai conduzia toda a família a passear naquele sítio, em que nos demorávamos um dia e uma noite, quase sempre.

A casa era modesta, coberta com telhas e piso de tijolos, porém acolhedora, possuindo no entanto alpendre em forma de "L" em que eram atadas redes para a sesta depois do almoço, o que fazia a alegria das crianças da casa e dos meus irmãos, enquanto que minha mãe conversava na cozinha com a dona da casa e meu pai com o seu "Duca Bastião", pois era assim como era conhecido aquele homem bom, em alegres e entrecortadas conversas que incluíam a carestia, como era denominada a inflação da época, os acertos do governo Juscelino e a construção de Brasília.

Acordávamos cedinho para aproveitar todo o tempo, ainda quase escuro, ao som da passarada e do berrar de bois e carneiros, ao cheiro do melaço quente fumegante esparramado nas gamelas do engenho que ficava ao lado da casa, com fumaça em profusão que fazia aparecerem e desaparecerem, em movimentos contínuos, porém imprevisíveis, trabalhadores na labuta. Entre eles homens e mulheres de cor que cantavam nos seus serviços de roça músicas de letras incompreensíveis, misteriosas, quicá de algum dialeto africano, visto que eram descendentes de antigos escravos e conservavam resquícios da sua cultura. Eram altos e fortes; a princípio tive certo temor. Contudo, com o tempo passei

---

<sup>7</sup> Promotor de Justiça do Ministério Público do Estado do Ceará, lotado em Fortaleza.

a admirá-los. Transmitiam alegria, resignação e pareciam felizes. Certa vez passei uma tarde com o casal, Sr. Kiza e Sra. Luena, acho que estes eram os seus nomes. Sempre me tratavam por “seu moço”, o que me deixava um pouco encabulado; e quando perguntava eu como iam, naquela oportunidade e depois, diziam que “do jeito que Deus quer”. Eram de uma humildade desconcertante. Fato curioso é que os filhos e netos também me tratavam por “seu moço”. Certa feita perguntei se não tinham vontade de sair dali, irem embora:

– Por qual caminho, seu moço? Não entendi, e parece que ele compreendeu e completou:

– Não sabemos mais o caminho, seu moço; é do jeito que Deus quer.

Aquela quinta era, na verdade, paradisíaca. Havia ali uma enorme floresta nativa na sua parte mais profunda, cheia de muitas árvores gigantes. Cedros, gameleiras, jatobás, ingazeiras, mulunguns que produziam umas florzinhas avermelhadas e amareladas, parecidas a galináceos miniaturizados, mangueiras, jaqueiras e pássaros e mais pássaros, de todas as cores, matizes e cantos.

Naquela época não havia energia elétrica na região da Ibiapaba e nos sertões adjacentes e era comum todos se reunirem em volta da lamparina e de vez em quando dávamos uma escapadela para olhar o sertão lá embaixo e no horizonte, emitindo em vários pontos distantes, luzes a tremeluzir, o que me pareciam mensagens indecifráveis ainda não decodificadas pelo homem, porém carregadas de muito mistério, poesia e lirismo. Para se chegar àquele paraíso passavam-se por vários caminhos, às vezes largos, outros estreitos, e alguns, já no final, simples veredas que davam para veredas menores ainda que concediam ao local um ar de mistério que eu diria quase religioso. Eu o sentia. Muitas vezes trilhei esses caminhos que foram os caminhos da minha infância, sem esquecer que por ali serpenteava um riacho de águas cristalinas e frias que descia de enormes lajes e continuava descendo revoltado, entrecortando vários caminhos.

Contudo, a vida me obrigou a buscar outros caminhos. Migrei. Naquela época migrar era a sina do cearense. Fui para o Sul, onde me

demorei por alguns pares de anos, e quando aqui chegava de férias, curtas férias, não encontrava tempo para visitar os caminhos da minha infância; mas quando para cá regressei definitivamente, certo dia resolvi retornar àquelas paragens, rever a paisagem, as pessoas, seu Duca Bastião, os descendentes de escravos e um pouco de mim mesmo em tudo aquilo, sem atentar para o fato de que o tempo tudo modifica. Como outrora fizera tantas vezes, percorri inicialmente os caminhos largos; tudo muito bonito, quase igual a antanho, não fora o fato de que escavaram toda uma pedreira, destruindo-a completamente, o que deu ao local um aspecto árido e de abandono. Continuando cheguei aos caminhos mais estreitos e como num passe de mágica acabaram-se todos os caminhos à minha frente, literalmente, não mais conduziam a lugar algum, o que me causou imensa decepção e pesar. Parei para refletir e me orientar, porquanto estava transornado. Não via mais passagem alguma e a imagem transmudou-se. Não era a mesma. O que foi feito de Duca Bastião? Por que não mais existiam os caminhos?, perguntei a mim mesmo. Retornei procurando pessoas e ao interrogá-las nenhuma soube informar sequer quem era ou fora Duca Bastião ou os descendentes de escravos.

– Aqui não conhecemos nenhuma pessoa de cor – foi o que ouvi.

Ao chegar à minha casa, exausto, perguntei a meu pai sobre aquele homem tão bom e seu sítio Itaguaruna que era a sua vida e a razão da sua existência ao lado da família numerosa e bem constituída, o qual dava os ares do inventor Santos Dumont, inclusive pelo uso contínuo do chapéu “Panamá” que só retirava quando se benzia à hora das refeições e quando se preparava para se recolher ao leito. Relatou meu pai, com certa amargura, que aquele homem exemplar, para saldar empréstimo bancário contraído para os trabalhos agrícolas, fora obrigado a vender a propriedade por preço irrisório, na bacia das almas, pois seria difícil suportar a pecha de velhaco, e de lá abalou-se para Goiás, onde trabalhava como “boia fria”, com parte da família que se esfacelou, conquanto outra parte seguiu outros caminhos. A casa não mais existia e o mato tomou conta de tudo. Os caminhos,

por falta de uso e sobretudo por falta de sensibilidade do capitalismo, se acabaram. Despedaçado compreendi que assim são os caminhos da nossa vida. Às vezes alargam-se, outras vezes estreitam-se e quase sempre desaparecem nos obrigando a trilhar outros caminhos dos quais não tivemos opção de escolha, e com tristeza e vacilantes reconhecemos não nos levar ao nosso desiderato que ficará inatingível, inalcançável, e às vezes ainda, a lugar algum. Que parecença com a nossa vida. Muitas vezes trilhamos caminhos que não escolhemos mas que estamos obrigados a percorrer até o fim.

Naquela noite deitei cedo, mas fui acometido de profunda insônia. Havia nas profundezas de meu âmago um longo gemido, quase inaudível, maior que o tempo.